

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

GERALVA DA SILVA BARCELOS

**O OLHAR DA EDUCAÇÃO NA LITERATURA INFANTIL: SOB A
OBRA DE GENI GUIMARÃES, *A COR DA TERNURA*.**

DOURADOS-MS

2014

GERALVA DA SILVA BARCELOS

**O OLHAR DA EDUCAÇÃO NA LITERATURA INFANTIL: SOB A
OBRA DE GENI GUIMARÃES, A *COR DA TERNURA*.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Letras Habilitação Português/Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito final para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof.^a . Msc.^a Adma Cristhina Salles de Oliveira.

DOURADOS-MS

2014

GERALVA DA SILVA BARCELOS

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**O OLHAR DA EDUCAÇÃO NA LITERATURA INFANTIL: SOB A OBRA DE
GENI GUIMARÃES, A COR DA TERNURA.**

APROVADO EM: _____/_____/2014.

Orientadora: Prof^ª. Msc. Adma Cristhina Salles de Oliveira
UEMS/Dourados

Prof^ª. Dra. Ana Cláudia Duarte Mendes
UEMS/Dourados

Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues
UEMS/Campo Grande

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as pessoas que estiveram ao meu lado, que contribuíram direta ou indiretamente pelos caminhos da vida, me apoiando e acreditando em mim.

AGRADECIMENTOS

A meu Deus pelo dom da vida, por ter me abençoado nessa caminhada acadêmica.

Ao esposo Valdeci da Silva Nascimento, pela compreensão e paciência nos meus momentos de ausência.

Aos meus familiares pelo incentivo, em especial ao meu filho Bruno Barcelos Gaione e minha mãe Eva Alexandrina da Silva que muito contribui para realização desse sonho.

Aos meus amigos, especialmente as grandes amigas Aline da Silva Espindola e Marinalva Almeida, Vânia Lucia Almeida pelas palavras de motivações e colegas de trabalho por suprir os momentos de ausência.

A todos os meus professores do Curso de Letras Habilitação em Língua Inglesa, por transmitir o conhecimento, especialmente às professoras Ana Claudia Duarte Mendes e Lucilia de Leitgeb pelo jeito atencioso e carinhoso de ministrar as aulas, conduzir suas palavras nos momentos difíceis.

Finalmente, agradeço àquela que me acolheu com carinho, me conduzindo pelas veredas da pesquisa com paciência permitindo que esse sonho se tornasse realidade, maestria: Adma Cristhina Salles de Oliveira.

Resumo

Nosso trabalho visa refletir a literatura infantil e infanto-juvenil afrobrasileira, por meio da obra de Geni Guimarães: *A Cor da Ternura*, (1998) no contexto escolar. Uma das perspectivas da literatura é despertar a criatividade, permitir interpretações, indagações, análises, compartilhamento de ideias, possibilitando dar sentido social, subsidiando práticas políticas e pedagógicas do trabalho docente. O olhar crítico literário viabilizará discernimento em relação ao preconceito, pois o mesmo perpassa por questões culturais. Nossa metodologia trabalhou o valor da oralidade como instrumento deste cotidiano. Discutiui-se sobre a literatura afrodescendente nos conceitos históricos, políticos, nas questões identitárias, imaginário na lógica do universo infantil. Considera importante analisar a obra, *A Cor da Ternura*, (1998) enquanto objeto literário e sua responsabilidade na formação da personalidade do aluno colaborando nas práticas docentes.

Palavras chaves: Afrobrasileira, Oralidade, Literatura Infantil.

Abstract

Our work aims to reflect the infant literature and children youthful Afro-Brazilian, by Geni Guimaraes' work: *Tenderness Color* (1998) in the school context. One of literature's prospects is to awaken creativity, allow interpretations, questions, analysis, sharing of ideas, enabling give social sense, subsidizing policies and pedagogy of teaching. The literary critical eye will enable some knowledge about the prejudice, because it permeates cultural issues. Our methodology worked the value of orality as an instrument of daily life. It has been argued on the afrodescendant literature in historical concepts, politicians, the identity issues, imaginary infant universe. Considers it important to analyze the work, *The Tenderness of Color* (1998) as a literary object and its responsibility in the student personality formation collaborating in teaching practices.

Key words: Afro-Brazilian, Orality, Infant Literature.

SUMÁRIO

INTRODUZINDO ALGUMAS POSSIBILIDADES DA PESQUISA	9
CAPÍTULO I.....	13
IDENTIDADES E IDENTIFICAÇÕES: O EU/OUTRO/SUJEITO/OBJETO INTERSEÇÕES DAS VIVÊNCIAS E AS RELAÇÕES COM A LITERATURA	13
CAPÍTULO II	19
UM BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL.....	19
2.1 A literatura e suas relações com a literatura de margem afrobrasileira no Brasil.....	20
CAPÍTULO III.....	26
IDENTIDADE/IMAGINÁRIO: SULEANDO, A OBRA DE GENI GUIMARÃES; <i>A COR DA TERNURA</i>	26
3.1 Construção e Desconstrução: Pra quê, e por que literatura na escola?.....	27
3.2 A Literatura nos Contextos Escolares: Respeitando as singularidades dos alunos.	31
3.3 O olhar crítico literário na obra: <i>A Cor da Ternura</i>	33
3.4 Identidade/imaginário história oral/memória cultural.....	34
Considerações finais.	47
Referências.....	50

INTRODUZINDO ALGUMAS POSSIBILIDADES DA PESQUISA

Nosso trabalho visa refletir a literatura infantojuvenil, na educação, pois a literatura é base essencial para formação de leitores. Uma das perspectivas da literatura infantojuvenil é despertar a criatividade, permitir interpretações, indagações, análises, compartilhamento de ideias, possibilitando dar sentido social, subsidiando práticas políticas e pedagógicas do trabalho docente. O olhar crítico literário viabilizará discernimento em relação ao preconceito, pois o mesmo perpassa por questões culturais. Para melhor entendimento faz-se necessário questionar, o que é literatura? A literatura é a arte em que se afasta praticamente da literalidade para criar mundos possíveis, e passa a viver outra vida, independente do autor. A imaginação é fonte para formação de leitores, e literatura arte da imitação, recriam palavras e experiências da vida entre a realidade e o imaginário. A metodologia aplicada deste trabalho tem como fundamentação a pesquisa bibliográfica caminhando para a análise da obra: *A Corda Ternura* (1998), de Geni Guimarães. Propomos uma reflexão, abordando o universo infantil o racismo como patologia social construída no cerne da sociedade e na constituição do ser humano (FANON, 2008).

Precisamos reafirmar e construir o compromisso social do antirracismo, desconstruir conceitos que reafirmem a libertação do preconceito racial, nesse sentido pretende-se organizar o trabalho de pesquisa nas seguintes etapas:

A introdução propõe um sobrevôo sobre o espaço educacional, a historiografia cultural do negro, navegando na legislação e pairando no conceito de literatura marginal.

No primeiro capítulo, apresentaremos otobiografia¹ o eu/sujeito/objeto como identificação literária, como denúncia e coparticipação da história social, relacionando a autora com a problemática afro-brasileira, afinal a construção cultural está implícita na matriz africana.

No segundo capítulo, discorreremos sobre os acontecimentos das políticas públicas, suleando a questão afro-brasileira no âmbito escolar, por meio da legislação embasada na constituição, na Lei 10.639/2003. Ao normatizar a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana, na educação concebe a responsabilidade social do conceito e a receptividade do texto literário no contexto escolar como instrumento de promoção a

¹ Segundo Monteiro (2006), otobiografia é ouvir a biografia. Sendo que, essa biografia é percorrida pela vida (bios), vivência, a partir do estilo e processo de individuação, diferenciar que se move conforme a força, influência e afeto.

cidadania. Abordaremos um breve histórico da literatura infantil, destacando, pontos da literatura infantil no Brasil.

Nesse sentido destacamos compreender as hipóteses do nosso trabalho: Pra quê, e por que literatura na escola? Em que contexto a literatura é caracterizada na escola? Será que se respeitam as singularidades do aluno, da obra, e das emoções pessoais e literárias. Estas perguntas foram disseminadas ao longo do trabalho.

A questão afrobrasileira têm provocado diferentes atitudes, no cotidiano histórico, social, e político, principalmente na (re) afirmação da memória coletiva do “ser negro”. Nesse sentido, como assegurar a pluralidade cultural brasileira? Qual é a função da escola frente às denúncias proferidas nessas questões? O que a literatura enquanto estimuladora no desenvolvimento cognitivo emocional e social da criança influência nessas questões? Quais seus parâmetros frente às denúncias?

No terceiro capítulo, analisaremos a obra de Geni Guimarães, nas seguintes dimensões: identidade/imaginário/oralização/memória/cultural. Explicaremos a função da metodologia, da história oral da literatura infantil e das vozes do contexto escolar.

Inicialmente, é preciso destacar a estreita relação do campo pedagógico e, as concepções do ensino, da educação cultural, presente em nosso cotidiano, pois essa relação advém do princípio da valorização do “dito sujeito civilizado” presente em dimensões históricas seculares que negligência saberes universais, muitas vezes comandado pela desqualificação de um saber que supere a hegemonia devendo caminhar para uma educação sem preconceitos.

Nesse sentido, deve-se ressaltar que, além de direito social, a educação é parte de um processo contínuo de desenvolvimento humano visível na proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), pelo trato pedagógico do conhecimento e da cultura.

A escola é uma das instituições sociais que se apodera dos instrumentos ideológicos com capacidade temporal de promover a formação humana por meio do debate e resignificando à relação de sujeito/objeto com outros seres humanos.

O processo da educação no contexto das coletividades e pessoas negras, e da relação dessas com os espaços sociais, torna-se pertinente o debate da educação a serviço da diversidade, num desafio de reafirmar autoimagem do povo negro, dos descendentes africanos que aqui se encontram, desconstruindo a imagem capciosa do negro com ser humano servil dotado de atribuições sexuais, contrapondo as intelectuais. Diante desses questionamentos, a reflexão nos permitirá colaborar com um olhar diferenciado no contexto escolar, embasado nos princípios dos parâmetros curriculares nacionais das possíveis vozes, presente na escola,

ecoando assim a problemática afrobrasileira, velada pelo colonizador e pela invisibilidade dos fatos históricos. Podemos destacar a literatura marginal, pois obras que foge do padrão literário, e do conteúdo paradigmático em ênfase numa determinada época.

Segundo a História e literatura afro-brasileira, a população negra desembarca no Brasil, a partir do século XVI, e foram distribuídas nas regiões litorâneas, em grande quantidade, principalmente nas regiões Nordeste e Sudeste, nas quais houve um crescimento econômico pela expansão nas lavouras de cana-de-açúcar no decorrer dos séculos XVII, XVIII e XIX. Esse processo garantiu aos latifundiários um grande patrimônio, enquanto ao povo negro, precárias condições de vida.

A partir de 1888, ano da abolição da escravidão no Brasil, por meio da Lei Áurea, a população negra escravizada pode “vivenciar o direito a liberdade.”

Nesse contexto várias barreiras foram forjadas, mas não impediram a população negra de promover a continuidade de suas histórias e das suas culturas.

Nas formas coletivas, individuais, em senzalas, quilombos, irmandades a identidade do povo negro foi garantida como patrimônio dos afrobrasileiros.

Ainda hoje, após mais de cem anos que nos separam da Lei Áurea não foram suficientes para resolver uma série de questões discriminatórias forjadas ao longo desses séculos de regime escravocratas.

Vários processos de transformações foram ocorrendo por meios de várias leis, que assegura o direito da população negra, principalmente por reivindicações apresentadas por entidades do Movimento Negro Brasileiro. Dentre essas leis destacamos a Lei 10.639/2003, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para incluir no currículo a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afrobrasileira”, Com intenção de eliminar o Racismo e a Discriminação racial.

Nesse sentido escolhemos a obra *A Cor da Ternura*, (1998) para desenvolver nossa pesquisa e sensibilizar o campo educacional na tentativa de colaborar com as construções culturais que segregam e marginalizam o negro na sociedade brasileira.

O texto de nossa pesquisa é obra de Geni Guimarães, nessa obra a escritora protagonista negra, compromete-se com a causa afrodescendente.

Existe uma singularidade na narrativa desta temática social, política histórica e cultural.

A pretensão de análise contribui com a valorização da inclusão cultural africana no contexto brasileiro, pois o texto literário estabelece relação social na obra pertencente à literatura afrobrasileira, que se assemelham com a cultura africana.

Abordaremos em nossa pesquisa literária valores significativos para a formação do aluno, que demonstra a trajetória percorrida pela literatura caracterizando dimensões e valores históricos, destaca-se por tanto a normatização das leis no contexto escolar, conceito de literatura infantojuvenil.

CAPÍTULO I

IDENTIDADES E IDENTIFICAÇÕES: O EU/OUTRO/SUJEITO/OBJETO INTERSEÇÕES DAS VIVÊNCIAS E AS RELAÇÕES COM A LITERATURA

Na trajetória da obra, temos a infância, e a fase adulta de Geni. Neste processo é visível a vivência de conflitos, de dificuldades e descobertas em lidar com sua negritude, há uma consonância com a obra da autora, Maria Firmina dos Reis, no conto *A Escrava* podemos aproximar a historicidade, ambas usam discursos numa representação envolvente entre ficção e realidade. Emergem: “os dizeres populares, os mitos, rezas, credences...”, sincretismo cultural, proveniente de inteiração afrodescendente. Esse contraste identitário compreende a nossa diversidade étnica na qual estamos inseridos, e omitimos muitas vezes na história tradicional.

Diante da arte na literatura a temática do contexto histórico a ser estudado é complexa, na inter-relação, transposição e continuidade das obras literárias, a arte imita a realidade, o imaginário impulsiona o escritor/ romancista que por opção envereda-se por esse caminho histórico com características principalmente culturais.

Geni Guimarães, poetisa, escritora intitula-se negra, nasceu numa fazenda, Vilas Boas, município de São Manuel, no Estado de São Paulo, em 08 de Setembro de 1947. Aos cinco anos de idade seus pais se mudaram dessa fazenda Vilas Boas, para outra fazenda em Barra Bonita, onde vive até o presente momento, exercitando a função de professora. Antes de frequentar a escola Geni, lia histórias e poesias em vários livros, jornais, revistas, que surgia. Ao entrar na escola, o professor notou logo de início sua inclinação para poesias, ela assumiu esse dom com naturalidade.

No florescer da adolescência, colaborou com jornais Debate Regional da Barra, em publicações de contos, crônicas e poemas. Em 1979, o seu primeiro livro foi editado, Terceiro filho, poemas da meninice e adolescência. Lançou *Da flor o afeto* (1981). Mais tarde, entra em contato com a poesia negra e o seu trabalho fica mais definido em razão da identidade. Guimarães é convidada a participar de varias antologias e eventos culturais, entre os quais destacamos a IV Bial Nestlé de Literatura, Schwarze Poesie, Edition Diá, Alemanha Ocidental. Ao reconhecer o valor do trabalho de Geni, a Fundação Nestlé de Cultura publicou o livro *Leite de Peito – contos –* já em sua 2ª edição. Ganhadora do prêmio máximo da literatura brasileira Jabuti, como Autor revelação no ano 1990. Geni em uma das suas afirmações demonstra toda a sensibilidade poética e sua responsabilidade social ao citar;

“Acredito que o ato de escrever é o veículo de exteriorização da situação de um povo dentro da sociedade e pode, com isso, motivar mudanças. Baseada nessa crença fui buscar minha menina das fazendas e escrevi *A Cor da Ternura* (1998).”

O ato de escrever é uma forma de libertar a alma de uma dimensão solitária, para um plano onde há possibilidades de externar palavras, reescrever o seu “mundo” numa visão que o leitor (a) se identifica na leitura, dentro do seu conhecimento de mundo.

Ao escrevermos possibilitamos uma viagem de mão dupla, entre o autor e o leitor. Nesse sentido, gostaria de externar a leitura do texto de Geni Guimarães, uma escritora autêntica, de uma sensibilidade natural.

Ao se intitular negra, de família humilde criada por seus pais com carinho, Geni viveu de maneira alegre no seio de sua mãe, com chegada de seu irmãozinho, sente-se deixada de lado. Começa a viver no seu mundo de imaginações, onde tudo é possível.

Nos tempos escolares vivência a discriminação pela cor de sua pele, pela situação econômica, é alvo de ataques das crianças. “Eu era única da classe representando uma raça digna de compaixão, desprezo.” (*A Cor da Ternura*, 1998. p. 65).

Na fase adulta, Geni sonha ser professora, pergunta ao pai o que mulher pode estudar. O pai responde “costureira, professora...” Geni, sentia desejo de poder ajudar seus pais, escolher uma profissão faz parte disso. Nas conversas com seu pai, percebia a necessidade de seu auxílio. Então, seu pai fala: “Se nós mesmos não nos ajudarmos, os outros é que não vão.” (*Idem*. p. 72). Geni, negra, mulher, após vencer vários preconceitos forma-se professora. Ao lisonjear esta literatura, lendo Geni, podemos afirmar nesse contexto, nestas palavras que soam como alavanca de um sonho possível. Ser negro não é visto como bons olhos, ainda mais “pobre”, quando a pessoa se intitula negra, identificam-se não simplesmente só pela cor da pele, mas por ser descendência afra. Sendo que ela um coparticipante da mesma. De acordo Fanon,

Atribuímos uma importância fundamental ao fenômeno da linguagem. É por essa razão que julgamos necessário este estudo, que pode nos fornecer um dos elementos de compreensão da dimensão para-o-outro do homem de cor. (FANON, 2008 p. 33).

Ao comparar a história de Geni, com outras histórias que sofreram racismo, percebem-se poucas mudanças na questão da relação racial e de ascensão social. Há uma estreita semelhança com minha vivência em outras histórias de vidas. Ao recordar minha infância, não foi diferente da nossa protagonista, a dela era melhor, no sentido de ter ao seu lado o amor de seus pais. Não pude vivenciar desse amor, meus pais eram separados, eu, além de mulher negra, pobre, filha mais velha do segundo casamento de meus pais, tive que aprender

desde cedo ajudar minha mãe a cuidar da casa, e de meus irmãos, na adolescência sai de casa para trabalhar, ajudar no sustento do lar.

Aos onze anos fui trabalhar de babá, depois de doméstica, sempre cresci ouvindo histórias, esta minha relação oral com a literatura despertou em mim a curiosidade pela leitura, hoje com a maturidade acadêmica e ampliação de meus conhecimentos compreendo o processo de entendimento do ser humano desse momento criança, podemos compreender, o ato de ouvir, pois ao ouvir de meus pais as lendas, crendices, histórias interpretava os enredos relatados, imaginando perplexa e atenciosamente a emoção dos fatos.

Despertava no meu ser alegria, contentamento prazer eu me deslocava para aquele universo. Havia momentos que a família se reunia sentava-se em roda para ouvir o que os avós e os pais contavam, e na maioria eles eram, analfabetos ou semianalfabetos o divertimento “corriqueiros” da época, no entanto despertava interesse em cada um de nós.

Lembro-me de uma vez que, escutávamos dos adultos que criança não devia ir aos velórios, pois lá não era lugar para crianças, o “difunto” aparecia para crianças, na hora que fossem dormir.

Eu desde criança sempre fui muito curiosa, uma vizinha nossa de idade avançada faleceu, não resisti fui ao velório, durante a noite quando fomos dormir, veio pesadelo, mamãe conta que foi uma noite horrível, eu conversava muito alto, se batia na cama dormindo, ela tentou me acordar, e ouvir se entendia o que eu falava, mas nada conseguia, pois minha língua enrolou, ela teve que enfiar o dedo na minha boca para desenrolar, essa noite foi uma comédia. Ao amanhecer a “história era o assunto preferido da família, principalmente das crianças”.

Era assim que começava a serem contadas no âmbito familiar, crendices, mitos, lendas dentre outros acontecimentos, ou seja, uma literatura voltada para oratura de acordo com GOMES, MORAES (2013), o que nos remete ao início da literatura afro no Brasil, na qual me identifico.

Nessa compreensão de identificação dos fatos e acontecimentos, concordamos com o conceito de trabalhar identidade segundo Hall (2003):

(...) que a identidade se modifica de acordo com modo como o sujeito é tratado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganha ou perdida. Ela tornou-se politizada. Isto é algumas vezes descrito como uma passagem política e identidade (de classe) para uma política da diferença. (HALL, 2003, p. 18-19).

Desta forma, a problemática racial, o apagamento identitário, vai além dos conceitos, concepções, de leitura da pele, pois se constitui no processo de construção identidade do

sujeito dos diversos grupos sociais. Há um desconhecimento, uma ignorância, negação do apagamento do ser histórico e cultural das raízes africanas deslocados para o Brasil, que permeia a sobrevivência da identidade cultural da nação brasileira.

A literatura contribui na formação da criança em diversos aspectos, principalmente na sua personalidade, por meio do desenvolvimento da cognição, e capacidade crítica, desperta a criatividade, o imaginário estabelecendo uma reflexão de valores da sociedade e suas próprias crenças.

Ao retomar a reflexão da obra, *A Cor da Ternura (1998)*, identifico-me com a exclusão social e a propagação do preconceito, do racismo que nasce de uma cultura da desigualdade, pois sou uma amostra viva desta história de preconceito racial, constato isto não só no discurso das narrativas dos personagens de Geni Guimarães, mas nos gestos velados por aqueles que ao longo de minha trajetória de vida sempre me olhavam com desconfiança. Lembro-me como hoje que na minha juventude, enamoro-me por um rapaz branco, mas sofro discriminação dos seus familiares por ser negra/o, o racismo grita, ele branco envolvido com uma mulher negra. Sinto o racismo latente velado pelo olhar escancarado, por vozes racistas indignadas por terem que conviver comigo, pois caso-me por motivo da gravidez inesperada, após onze anos de convivência separo e crio meu filho sozinha. Podemos concordar com a seguinte afirmativa:

A consciência de si é em si e para si quando e porque ela é em si e para si uma outra consciência de si; isto quer dizer que ela só é enquanto ser reconhecido. O homem só é humano na medida em que ele quer se impor a um outro homem, a fim de ser reconhecido. Enquanto ele não é efetivamente reconhecido pelo outro, é este outro que permanece o tema de sua ação. É deste outro, do reconhecimento por este outro que dependem seu valor e sua realidade humana. (HEGEL, apud 2008, FANON).

Nesta busca de reconhecimento e imposições, o valor do homem nesse contexto, baseia-se na formação da sua história com o outro. Nessa busca de valor, resisto a tudo e a todos, nem sabendo bem como recomeçar, mas recomeço a viver depois de uma separação inesperada, recomeço por onde tenho certeza do que sou, pelo esteio de sobrevivência do meu trabalho, pois entendia e entendo minha identidade pela constituição do meu trabalho, esta é a herança de identificação que deveria deixar a meu filho, afinal impulsionada pelo meu trabalho e pelo sentido do meu filho em minha vida, caminhei, prestei um concurso público na educação. Comecei a trabalhar como auxiliar de apoio educacional, não era o melhor emprego, mas era o que consegui para sobreviver, voltei aos estudos, após dez anos fora da sala da aula, retorno ao Ensino fundamental, depois (EJA) Educação de Jovens e Adultos. E hoje após luta, cursos e percursos um sonho a de se realizar, sonho este não somente meu,

mas de minha mãe também, parecia tão distante, agora, na reta final sonho com minha formatura do ensino superior , assim como nossa personagem protagonista, que conseguiu vencer apesar dos preconceitos e circunstâncias adversas. A escola, a leitura significou e significa pra mim me reconhecer como “ser” que tem uma responsabilidade com o “outro”, literatura seja ela qualquer uma, histórica, literária, artística... me e nos proporciona liberdade e identificação do que somos e o que queremos a verossimilhança. Nesse entendimento, baseamo-nos na personagem protagonista Geni, externaliza o sentimento de leitora compactual, pois a leitura faz parte da formação cultural, promovendo as imaginações. Ao enveredar pela literatura afrodescendente encontrei-me, houve o despertar um processo de identificação do imaginário.

Pois a “identidade se modifica de acordo como o sujeito é tratado, não é automático” Hall (2003), nesse sentido podemos notar que identidade é um processo de construção ao longo da história. Crescer negra numa sociedade que o branco alimenta o preconceito, isso é inaceitável, pois a cor da pele não determina a nossa e sua inexistência.

Hoje, fala-se da diversidade e pluralidade cultural, no entanto ao considera-la em nosso convívio está longe do ideal. Considerando:

Muitos negros acreditam neste fracasso de legitimidade e declaram uma guerra maciça contra a negritude. E este racismo dos negros contra o negro é um exemplo da forma de narcisismo no qual os negros buscam a ilusão dos espelhos que oferecem um reflexo branco. Eles literalmente tentam olhar sem ver, ou ver apenas o que querem ver. (FANON, 2008, p. 15).

Pois não chegamos ainda ao patamar dessa igualdade. O preconceito é evidenciado em nossa sociedade, quando não valorizamos o outro tal como é. Nesse sentido, a literatura negra brasileira, permite-nos compreender que não se refere apenas a cor da pele, mas sim de um eu enunciados, que quer denunciar e abordar a identidade e suas identificações. A função da literatura é a recriação do imaginário, o despertar da criatividade, mas também é um instrumento de luta para reconstrução de outro olhar cultural. Acreditando nesta lógica podemos afirmar, ela é um instrumento social e educacional, baseado na história, por meio dela rememoramos as relações da literatura no âmbito familiar, no contexto social.

A história é alicerce de nossa reflexão presente, ela nos dá visibilidade do futuro, tem mostrado um lado de desconsideração das minorias e como pertencemos a esta minoria gostaria de escrever minha escrivência de forma diferente, minha história e de grande parte da população brasileira afro grita axé para saudar, mas também para clamar as vozes silenciadas ao longo dos séculos. Poderemos no próximo capítulo observar como a literatura ao longo da

história da humanidade, tem se posicionado e construído um imaginário que só promove hegemonicamente a diferença social e racial.

CAPÍTULO II

UM BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL.

O esboço histórico, de nossa pesquisa situa o valor da temporalidade que a literatura tem na responsabilidade social da formação do sujeito ao longo da história da humanidade. Entendendo estes fatos na antiguidade os adultos e as crianças coexistiam numa mesma dimensão em relação aos acontecimentos sociais, pois não havia divisões, entre o universo infantil e adulto.

Na literatura eurocêntrica do final do século XVII e durante o século XVIII, não existiam livros direcionados para criança, pois as fases desenvolvimento da “infância” só foram valorizadas a partir do final do século XIX. Antigamente as crianças e adultos compartilhavam socialmente dos eventos. Após o surgimento de uma classe social burguesa, a educação ganha dimensões e valores familiares a serem transmitidos. Nesse contexto social e cultural nasce a literatura infantil.

Após a revolução industrial no século XVIII, houve êxito rural e um crescimento nas cidades com a urbanização que proporciona para avanços na política, economia, e com implantações de novas indústrias, tecnologias, a burguesia se consolida, como uma instituição familiar.

Esse estereótipo familiar cabe ao pai sustentação econômica á mãe os cuidados de gerenciar o lar em vida privada, a criança preservação da infância, enquanto meta de vida. Esse modelo família da época nos aproxima da realidade vivenciada pela nossa personagem principal.

Não podemos negar que o universo infantil cria laços emotivos afetivos desde a concepção, pois eles são mencionados na oralidade dos familiares. Historicamente antes do processo industrial são diferenciados, valorizando outro sentido, outros meios culturais “desvinculando” a criança dessa tradição, por meios dos brinquedos, livros e outros. De acordo com Lajolo, Ziberman, 2007, p.16.

A criança passa a deter um novo papel na sociedade, motivando o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) ou novos ramos da ciência (a psicologia infantil, a pedagogia ou a pediatria) de que ela é destinatária.

Nesse contexto percebemos o distanciamento proporcionado entre a oralidade e o registro desta oralidade própria do poder colonialista ocidental. O surgimento da industrialização da literatura infantil veio ocorrer na França nos meados do século XVIII, com as Fábulas de La Fontaine, o registro de duzentos e quarenta três (243) fábulas, durante vinte

seis (26) anos, entre 1668 e 1694, caracterizava estas fábulas com seus protagonistas animais. Charles Perrault viveu sempre em Paris, (1628-1703), conhecido na época pelo “conto da mamãe gansa”. Já a literatura brasileira surgiu após o início da literatura europeia, 1808, com a implantação da Imprensa Régia, e com isso começaram a publicação dos primeiros livros para crianças.

No entanto, a literatura contemporânea, ocupa um espaço dinâmico, que respeita o universo infantil que se apropria da imaginação proporcionando, determinando o eixo social diferenciado.

2.1 A literatura e suas relações com a literatura de margem afrobrasileira no Brasil.

Podemos considerar a literatura um estimulador no desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança, percebe sua importância na maneira de como influência na capacidade e desenvolvimento da criança em relação ao processo de fazer leitura e despertar da imaginação, estes aspectos foram construídos desde a origem da literatura.

A origem da literatura no mundo e no Brasil, se deu por meio das fábulas orientais que foram transmitidas oralmente de gerações antepassadas. Ainda hoje, muitos escritores de contos e de fábulas infantojuvenil buscam inspirações nestas nas histórias milenares contadas aos antepassados. As fábulas tinham como objetivo, ensinar a moral, religião e a política, por intermédio da proeza dos bandidos e heróis.

Além disso, a literatura motiva o desejo, o interesse por conhecimentos, diante disso, queremos propor uma leitura diferenciada, considerada literatura de margem, numa leitura reflexiva do cotidiano social, no âmbito escolar. Pois a literatura marginal pode proporcionar ao leitor, uma reflexão entre a realidade, vivência no cotidiano.

A literatura de margem, afrobrasileira surge a partir do tema ser negro que se transforma no percurso da vida. Concordamos com Ianni, 1999.

A literatura negra é um imaginário que se forma, articula e transforma no curso do tempo. Não surge de um momento para outro, nem é autônoma desde o primeiro instante. Sua história está assinalada por autores, obras, temas, invenções literárias. É um imaginário que se articula aqui e ali, conforme o diálogo de autores, obras, temas e invenções literárias. É um movimento, um devir, no sentido de que se forma e transforma. Aos poucos, por dentro e por fora da literatura brasileira, surge a literatura negra, como um todo com perfil próprio, um sistema significativo. (IANNI, Octavio 1999, p. 91).

No entanto, percebemos que esta temática está presente no cotidiano escolar como o imaginário articulador de ideias, o preconceito, desigualdade social, discriminação... Estes

temas são considerados aligeiramento da sociedade moderna, ressaltamos que as consequências do período colonial, é fato construído pelas classes dominantes, esta marginalidade também reflete na literatura, sendo assim denominada “literatura de margem” ou “literatura marginal”.

Ao analisar a obra, *Idem*, Geni Guimarães, nesse âmbito, percebe-se a literatura de margem afro brasileira como função social, além do imaginário/realidade, obra desempenha um papel importante significativo na construção e processo de ser negro.

Está temática, está presente no cotidiano escolar, como o preconceito, desigualdade social, discriminação... Estes temas, são considerados aligeiramento da sociedade moderna, ressaltamos que as consequências do período colonial, são fatos construídos pelas classes dominantes. Esta marginalidade também reflete na literatura, sendo assim denominada literatura.

A literatura de margem são obras que fogem do padrão literário, e do conteúdo paradigmático em ênfase numa determinada época.

O sentido marginal em relação à estética-cultural tem uma aplicação específica no contexto da literatura brasileira, que se refere ao movimento da década de 70 séculos XX, contrariando a forma de produção comercial e circulação da literatura, estabelecido pelas grandes editoras dessa época. A política dessa década vivia seu clímax de tensão, da intolerância com censura a imprensa, com atos totalmente violentos contra as minorias brasileiras que eram maiorias, houve várias repreensões.

No entanto esse movimento no Brasil foi desprovido de meios econômicos, apesar de serem de classe média, mas não se obstina nas formas estéticas e buscam mudanças nas práticas culturais da América Latina e nos parâmetros sérios e eruditos, em atitudes críticas da ordem do sistema vigente. Nesse sentido, a “literatura de margem” ou “literatura afrobrasileira” é desvinculada dos “intelectualizados”, a linguagem em sua maioria aproxima-se das textualidades orais.

A relação da literatura de margem e literatura afrobrasileira. Ambas, se abarcam na construção das temáticas culturais presente na vivência do cotidiano e buscando seu espaço na sociedade, geralmente são escritores/autores que narram as histórias ou personagens principais, desconhecido pelo público. A nossa intenção é uma reflexão da realidade histórica e cultural destas minorias que não eram ouvidas.

Ainda que, o leitor não se identifique com a obra ou os personagens, todavia, estará rememorando a história do povo brasileiro, pois não diz a respeito apenas dos afrodescendentes, mas de toda a nação brasileira, de hábitos culturais vivenciados por uma

naturalização escravista. O exemplo disso uma história velada, da história oficial, podemos considerar na obra; *idem*, o seguinte fragmento:

(...) Nhá Rosária era uma velha senhora negra que morava noutra fazenda com uma família de fazendeiros. Nunca ninguém soube por que morava com aquela família, nem qual sua idade certa. Uns diziam que tinha 98 anos, 112. Quando a ela era perguntado, ela, respondia meio sem jeito: - Só meu filho que sabe. (*Cor da Ternura*, 1998. p 49).

Diante da história não valorizada na história oficial, omitem-se as vivências de fatos do sofrimento do povo brasileiro. Dessa forma, percebemos que a identidade foi perdida no esquecimento, no tempo e no espaço, pois a senhora negra “Nhá Rosária” antes escrava, morava numa fazenda, alienada, apesar da sua idade avançada, muitos ouviam das suas histórias de escravaturas, pois essas histórias se faziam presentes, na vivência e cotidiano. Nesse caso, percebemos que as representações do escravismo continua a mesma, pois existem outras modalidades e situações que escravizam, lidamos com preconceitos na sociedade, é uma dificuldade presente em alavancar nas questões identitárias, e, só mudará com o passar dos tempos. A literatura neste sentido poderá trabalhar contribuir para a desconstrução desse paradigma e estereótipo preconceituoso.

Para desconstruir esse estigma do preconceito tem a lei 10.639/2003, pois a legitimidade e materialização da mesma só ocorrerão quando houver um diálogo com outras políticas afirmativas. Destaca-se, portanto a lei 11.695./2008 que amplia o atendimento a cultura indígena no ensino básico e universitário.

Para entender as relações no contexto da história brasileira entre os séculos XVIII e XIX no campo das ciências, tomamos por bases os cientistas europeus e suas teorias sociais de modelos racistas, evolucionistas e darwinistas, essas duas teorias defendia o direito a lei do mais forte para governar o mais fraco.

Os europeus acreditavam que formavam um grupo de “raça pura”, os intelectuais brasileiros foram influenciados por essa ideia, ganhando força, na literatura, nos jornais, revistas institucionais. Nos anos 30, essas ideias, começaram a perder forças, tornando-se ultrapassadas, uma nova interpretação na identidade negra começava surgir nos anos 30 e 40, no entanto a imprensa negra no Brasil e os intelectuais afrobrasileiros, não aceitavam a ideia de um “paraíso racial no Brasil”.

Esses grupos começaram a criticar, contestar a democracia racial. Após a Segunda Guerra Mundial as ideias racistas foram recriminadas, e todos queriam eliminação do racismo, inclusive o Brasil.

Na educação no Brasil, muitos passos foram dados nessa trajetória ao considerar a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1961 (art.38, III) ordenava que culturas diferentes servissem de base no ensino da História brasileira, no entanto sem obrigatoriedade. O que propiciou para uma reivindicação realizada por meio do Movimento Negro em relação à educação, no sentido de reflexão, discussão, da discriminação preconceituosa, no reconhecimento da participação do negro na sociedade, não apenas como estereótipos, mas no processo operacional que exigem mudanças de ações pedagógicas.

A partir do contexto histórico, político, social e ditatorial da década de 60 e 70, 80 podem conceber o esforço dos movimentos sociais e analisar sobre as questões afrobrasileira.

No ano de 2003, a Lei 10.639/2003, altera o texto da 9.394/96, agregando as questões da história e cultura da África, a presença do negro e sua contribuição e constituição afro descendência brasileira. Em 2008, a Lei 11.645, foi mais contundente, exigindo o ensino das duas culturas nas escolas brasileiras, podendo assim estabelecer diálogos na busca de superar concepções positivistas no ensino básico que acreditava numa única civilização, no entanto somos uma nação miscigenada.

O reconhecimento implica em direitos iguais, mudança nos discursos raciocínios, gestos, posturas, bem como desconstruir “mitos” da democracia racial na sociedade brasileira, também valorizar, respeitar às pessoas negras, sua descendência africana na compreensão de valores e lutas, ser compassivo ao sofrimento originado por várias desqualificações: brincadeiras, piadas de mau gosto, ridicularizando seus traços físicos bem como seus cabelos, a cor da sua pele, desfazendo das religiões de raízes africanas.

No início do milênio, baseado na obrigatoriedade da Lei 10.639.2003, pela inclusão de História e Cultura Afrobrasileira e Africana nos currículos da Educação, com essa medida, reconhece-se que, é preciso trabalhar pelo fim das desigualdades, além de garantir vagas nas instituições escolares para os negros.

O estudo de temas decorrentes da história e cultura afrobrasileira e africana não resume apenas à população negra, mas diz respeito a todos os brasileiros. Deve destacar que não é mudando um foco de raiz eurocêntrico por um africano, mas de ampliar o foco curricular das escolas para as adversidades raciais, culturais, sociais, econômicas e política brasileira.

A busca da nação afrobrasileira por reconhecimento, afirmação e valorização de direitos, com relação à educação, é baseada e amparada na lei 11.645/08 que tornou obrigatório o estudo da História e Cultura Afrobrasileira e indígena nas escolas públicas e particulares, no ensino fundamental e médio.

Essa nova legislação altera a Lei 9.394/96 que inclui diversos aspectos culturais nos conteúdos programáticos da população brasileira, incluindo os africanos e índios, que por séculos não obtiveram acesso à escolarização.

Podemos considerar muitos passos foram dados mediante a incorporação dos estudos indígenas e africanos nas escolas brasileiras, por meio da obrigatoriedade da lei 9.394/96, que ordena o ensino de História e Cultura Afrobrasileira.

É importante destacar a política de reparações e reconhecimento que formarão programas de ações afirmativas, ou seja, conjuntos de ações políticas dirigidas à correções de desigualdade sociais e raciais, conduzida para oferta de tratamento diferenciado, com objetivo de combater o racismo e a discriminação. Ações essas que encaminharam para processo de ensino/aprendizagem, no cotidiano escolar nos diferentes níveis e modalidades de ensino.

O cumprimento dessas Diretrizes é de responsabilidades dos estabelecimentos de ensino, partindo do próprio ambiente, podendo corrigir distorções. Pois o cumprimento das leis vem resgatar a memória quebrar o silêncio denunciar as distorções na constituição do ser negro, minimizando o distanciamento entre normas e normatização na consciência da identidade afrobrasileira.

Cabe ressaltar que a valorização da identidade, da cultura africana e brasileira prevista pela Lei 10.639/96 precisa ser aplicada de fato, no combate ao preconceito, a desigualdade, reconhecer, valorizar adversidade e diferença cultural, a implementação dessa lei trouxe muitos benefícios, principalmente no tratamento das questões étnicorracial, como retrata as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Etnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Africana e Afrobrasileira:

Reconhecer exige valorização e respeito às pessoas negras, a sua descendência africana, sua cultura e história. Significa buscar, compreender seus valores, lutas, ser sensível ao sofrimento causado por tantas formas de desqualificação: apelidos depreciativos, brincadeiras, piadas de mau gosto sugerindo incapacidade, ridicularizando seus traços físicos, a textura de seus cabelos, fazendo pouco das religiões de raiz africana (BRASIL, 2004, p.12).

A lei 10.639/03 vem estabelecer de forma organizacional nas instituições escolares uma maneira de repensarem os métodos curriculares e recursos didáticos aflorando assim a prática e o ensino/aprendizagem nessa temática de História e Cultura Africana e Afrobrasileira, na promoção e valorização da autoestima do ser negro na sociedade, deixando para trás toda negatividade que lhe fora atribuída ao longo dos anos.

O cumprimento das leis 11.645/2008 e 10.639/2003 são de responsabilidade de todos, não apenas do professor em questão, pois se exige um comprometimento solidário de todo um sistema educacional de ensino brasileiro.

Estabelecendo assim um diálogo que venha superar as práticas e concepções do positivismo principalmente no ensino básico, sendo considerada a base da civilização, pois somos um país miscigenado.

Além disso, reforça a perspectiva constitutiva das obras que representam a identidade do negro, valorizadas, descentralizando o discurso do colonialismo e colaborando na construção da autoestima dos leitores. Conduz-nos a refletir sobre as práticas discriminatórias no nosso cotidiano brasileiro, representadas por uma herança do passado.

A trajetória da obra de Geni Guimarães, *A cor da ternura*, (1998) delega ao autor (eu), outro (leitor), sujeito (eu e outro o espelho), objeto (livro) a perseguirem o imaginário, a identidade cada um com sua singularidade pertencente a significados que despertem a subjetividade e intersubjetividade da obra na transformação da humanidade.

CAPÍTULO III

IDENTIDADE/IMAGINÁRIO: SULEANDO, A OBRA DE GENI GUIMARÃES; A COR DA TERNURA.

O homem só aprende quando respeita o imaginário/identidade/realidade do outro. A história da humanidade tem demonstrado que o ser humano transcende quando respeitam diferentes saberes, ou seja, o valor da história oral consiste em não só escutar, mas ouvir como se fosse uma criança. Entender o universo infantil é compreender a alma da literatura infantil, pois a história desta literatura inicia-se com a oralidade, onde adultos e crianças coexistiam na mesma dimensão social, ou seja, não há divisão nesse universo na concepção humanitária.

A teoria e metodologia da oralidade, abarca a análise, no entanto nossa pesquisa abordará somente a perspectiva da metodologia oral.

A característica da oralidade é sua dinamicidade, pois abrimos uma nova possibilidade de registro dos fatos, das narrativas, das emoções, dos sentimentos, do envolvimento ideológico. Conforme, Oliveira 2009, apud Alberti (2005), a história oral é:

(...) um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participam de, ou testemunham acontecimentos, conjunturas, visões de mundo como forma de se aproximar do objeto de estudo (...) Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc., à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam. (ALBERTI 2005.p.118).

A divisão da nossa metodologia se dá em três breves momentos; o primeiro retomando o conceito da responsabilidade social da literatura na escola. O segundo, a análise da obra, *A Cor da Ternura*, (1998), destacando o conceito de identidade/imaginário. E no terceiro momento com as vozes das professoras do ensino básico conduzidas por perguntas abertas, subvertendo a categorização linear e destacando as vivências, as histórias de vida.

Ao trabalharmos a análise da obra de Geni Guimarães, e os relatos ou narrativas dos docentes em âmbito escolar estamos demonstrando como a realidade escolar a literatura pode ser agradável no universo infantil.

Desse modo, cada narrador enriquece a história de sua memória pessoal com detalhes, um fato pode ter várias versões. A literatura também permite essa possibilidade, sua

importância se dá pelo imaginário muitas vezes confunde ou inspira o imaginário da realidade.

O imaginário é importante, tem um significado real na formação do sujeito, pois trabalha com situação intrínseca e atua diretamente na personalidade do psique humano.

Uma das funções da escola na formação da personalidade humana é a promoção, da diversidade, do rompimento dos preconceitos. Seu papel com a sociedade construído por meio das relações primando pela sociabilidade, pela transmissão e organização dos conhecimentos. A escola formal é reflexo hegemônico do capital, um novo olhar, se faz necessário nessa questão racial no contexto escolar brasileiro, pois a multiplicidade e a diversidade cultural são parte integrante da nossa realidade. É preciso apresentar, discutir conteúdos, que abordem questões das problemáticas sociais exemplo disso é a história africana e afrobrasileira.

O estudo das temáticas afrobrasileira se deve a necessidade de compreender, a posição da população negra na sociedade brasileira, é importante colocá-la em evidência cidadã, por meio de sua imagem, enquanto sujeito histórico, político e social.

O congresso nacional sancionou leis, tornando obrigatório, no ensino fundamental e médio, nas escolas particulares e públicas, o ensino da história afrobrasileira. Este é um dos instrumentos que promove a desconstrução do preconceito racial. A literatura também é um dos instrumentos de colonização cultural. Na introdução do nosso trabalho questionamos algumas problemáticas pertinentes a literatura, retomaremos logo abaixo as perguntas propondo uma discussão reflexiva sobre a importância da literatura no contexto escolar.

3.1 Construção e Desconstrução: Pra quê, e por que literatura na escola?

A literatura infantojuvenil é base par formação de leitores, e contempla o propósito de nossos porquês. Pergunta-se de forma problematizada. O que atrai um adolescente a leitura literária? – Quais os interesses do aluno? Como abordar sua voz na sedução das séries iniciais, com propósito no ato de pensar, fazer, refletir num olhar diferenciado, autônomo, crítico em que amplia o interesse a informação? Ao pensar nesse diferencial nos remete à literatura dos clássicos, pois observarmos que desde o surgimento da literatura infantil, eles estão presentes desde a oralidade no convívio familiar estendendo-se as salas de aula, materializados nos livros literário-didáticos.

Assim, podemos perceber que o aluno está habituado nesse contexto e poderá apresentar outro olhar. A literatura nesse caso pode causar estranhamento, devido a

descontextualização do trabalho pedagógico. Por isso a metodologia conduzirá a maneira diferenciada de trabalhar.

O sentido literário relaciona-se ao contexto social, pois a desconstrução dos paradigmas de preconceito racial, não ocorre só do dominado pelo dominante, mas também do dominante para o dominado. A obra de Geni Guimarães aponta para a condução de uma prática metodológica, onde desconstruir significa perseverança no diálogo cultural, estabelecendo a troca de vivências para desconstrução do preconceito, a fim de respeitar ao outro. Podemos identificar o seguinte fragmento para desconstrução metodológica da ordem tradicional, pois o medo pode gerar como consequência o preconceito:

Só uma menina clara, linda terna, empacou na porta e se pôs a chorar baixinho. Corri para ver se conseguia colocá-la na de aula. – Tenho medo de professora preta – disse-me ela, simples puramente. (*Idem*. p 87).

Podemos considerar que a professora pode trabalhar a metodologia da oralidade, ou seja, a metodologia, que envolve ouvir o outro, é uma ação, que motiva as políticas sociais. Neste caso, nossa protagonista, a professora Geni propõe ouvir uma aluna com característica descrita da seguinte maneira “Só uma menina clara, linda, terna, empacou na porta e se pôs a chorar baixinho”.

Geni, em sua sensibilidade humana redimensiona sua metodologia, a “professora Geni” se aproximou, cativou atenção da “menina clara”, isso requer postura profissional de empenho e dedicação do educador, sensibilidade á alteridade. Podemos considerar uma desconstrução da metodologia de concepção tradicional, pois geralmente diante de tal metodologia as crianças são seres calados que necessitam aguardar o tempo do adulto para se pronunciarem nunca é o tempo da criança. É importante ressaltar a viabilidade da negociação entre o ensino da escola e o saber do aluno. Novamente selecionamos alguns fragmentos da obra: *Idem*, para discutir e comentar no contexto educacional:

(...) – Gostaria que você entrasse na classe depois. Assim você senta na minha cadeira e toma conta da minha bolsa enquanto eu trabalho.

Durante a aula pedi que levantasse a mão quem soubesse desenhar. Todos levantaram as mãozinhas. Constatei. Ela também.

Desenhou um cachorro retangular e sem rabo.

(...) Ao término da aula, arrumou o material sem pressa.

(...) - Amanhã você deixa eu sentar perto da prima Gisele? De lá mesmo eu cuido da bolsa da senhora.

Amanhã eu vou trazer de lanche pão com manteiga e avião, a senhora gosta de lanche com manteiga de avião na lata?

- Adoro.

- Vou dar um pedaço grandão pra senhora, tá?

- Obrigada.

Combinamos.

- Até amanhã

- Até amanhã.

(*Idem*. p. 90-91).

Nessa neste diálogo educacional, pode-se constatar a inversão de valores, a “professora negra Geni” cede sua cadeira, para menina que se recusava entrar na sala, a qual aceita sentar durante toda aula. A professora tem uma atitude positiva, de valorização do “outro”, valoriza o objeto e respeita, o “conhecer, o saber e a temporalidade infantil” faz a diferença, desconstrói o arquétipo predominante do colonizador, e permiti uma aproximação. Neste momento a autoestima de ambas era construída, há uma grande troca cultural de saberes. Nossas vivências são constituídas e construídas por identificações, por imaginários que se tornam realidades.

A literatura no sentido literário evoca o imaginário do leitor, aciona o cognitivo num despertar da interpretação e compreensão do texto/literário parte da influência sociocultural e do desenvolvimento cognitivo, que é “parte vital da sua oralidade, pertencente a sua cultura popular” (GOMES, MORAES, 2013 p.16). Sendo que as crianças em sua maioria, mesmo aquelas que não tiveram acesso à escrita, já ouviram cantigas, lendas, provérbios dentre outros. O ato de educar compreende em deparar-se com a situação de aprender, trocar com o outro por diferentes saberes. Percebemos a relação sociocultural pelas singularidades do recorte abaixo:

Amanhã eu vou trazer de lanche pão com manteiga e avião, a senhora gosta de lanche com manteiga de avião na lata? (*Idem. p.91*).

Nesse contexto nossa pesquisa objetiva conduzir a reflexão sobre as práticas escolares, construídos por meio dos diálogos informais e por relações afetivas conquistadas nos convívios e conflitos entre professor e aluno.

A literatura como função social deve despertar o interesse da leitura, pois o seu hábito é uma prática importante ao desenvolvimento do raciocínio da, capacidade de interpretação para o aprimoramento e aquisição do letramento, permeando a criticidade.

Ao comparar a literatura infantil/infanto-juvenil, com as demais disciplinas dadas em sala de aula, estas literaturas estão reduzidas, por uma invisibilidade cultural, no ensino fundamental e no ensino médio, o professor fica limitado ao tempo, e ao engessamento do currículo. Faz-se necessário a adaptação para uma leitura sistemática e precisa. A literatura em termos ideais nas escolas públicas e privadas, necessita de projetos e educadores que valorizam diferentes saberes, respeitando a alteridade. A literatura não é apenas mais uma disciplina a ser trabalhada em sala de aula, vai além do signos caminha, para um olhar ligado a semiótica. Inicia-se na oralidade, no jardim da infância e caminha para o despertar da criatividade, conduzido e seduzido pela prática do percurso escolar.

Diante dessa percepção, a criança no seu processo de imaginação, individual ou coletivo, reconhece-se, constitui “sua identidade” Hall (2003). Ao ignorar os sentimentos, e emoções da criança estamos reafirmando a ignorância, social, pois sabemos que ler transforma, conduz a criança, o adolescente, o adulto a procura de uma dimensão imaginária a ser considerada como valor no contexto educacional. De acordo com Pádua 2010, podemos dialogar:

(...) a imaginação da criança, instrui o docente para que tenha um cuidado especial com recursos didáticos utilizados em sua prática e para que selecione, por conta disto, os livros, as histórias infantis, os vídeos e os filmes que utiliza com seus alunos. (Pádua, 2010 p. 47)

O gosto pela leitura é um recurso didático, longo no processo de aquisição, envolve a observação, a imaginação, à memória como forma inteligente de organizar, deve ser despertada na infância, sabe-se a importância de estabelecer um relacionamento entre o texto literário e o aluno a partir do conhecimento prévio do professor, que conduz suas relações, seus comentários de um determinado texto escolhido pelo professor, pois o prazer, o desejo é paixão que desperta a informação. A partir do interesse do aluno, o professor propõe um trabalho metodológico com desenvolvimento de ensino e aprendizagem, nesse contexto a leitura é algo indispensável. Podemos afirmar corroborar com os Parâmetros Curriculares Nacionais 1998:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. (PCNs 1998, p. 53).

Ler faz parte da formação cultural de cada ser humano, pois a leitura aguça os sentidos, que se manifestam de forma inusitada. Promove imaginação, proporciona novas descobertas, evolui o conhecimento enriquece o vocabulário, pois, são suleadores e norteadores e instrumento para práticas pedagógicas. Nota-se que a leitura parte de um pressuposto em que o leitor interage com o texto, a partir do seu conhecimento de mundo, Paulo Freire, em sua obra: *A Pedagogia do Oprimido* 1987 define como “leitura de mundo”.

Nessa perspectiva da prática pedagógica, o aluno cultiva o hábito de ler não apenas como obrigação, mas um prazer uma descoberta uma identificação étnica, da cultura negra, de uma literatura afrobrasileira, que se responsabiliza por uma denuncia histórica de discriminação racial e identificação. Na obra, *Idem*, esse fato é narrado e vivenciado quando nossa protagonista era criança:

(...) “Peguei o jornal e comecei a ler o comentário, que contava suas façanhas esportivas e dava algumas informações sobre a vida fantástica do jogador.” (*Idem*, p.70).

O hábito de ler pode se desenvolver com mais facilidade na infância, pois é na infância que a criança cria seu próprio mundo, expõe com mais naturalidade suas emoções sem medo, sem rótulos, mantém uma espontaneidade. Ao ler o recorte do jornal, nossa protagonista a menina Geni sente-se comovida ao ver o pai entusiasmado com a notícia naquele momento dividido por ambos. A história do jogador de futebol, o rei Pelé, o sucesso do jogador o faz acreditar em tal façanha, pois o sucesso de um negro poderia ser socializado com os trabalhadores negros rurais de sua vivência. O pai retruca e repreende a filha pelo olhar, e por palavras duras de incredibilidade na ascensão social. O recorte jornalístico, desperta na menina Geni um desejo de conquista. Geni muito curiosa e inquieta dialoga e questiona seu pai: - “Pai, o que a mulher pode estudar? O pai responde: - Pode ser costureira, professora...”

Geni não hesita, responde de forma contundente;- “Vou ser professora falei num sopro” (*Idem*, p.72).

A leitura nesse contexto pode atribuir uma prática social, uma transição da perspectiva de ascensão social, nas relações da escolha de uma profissão.

A realização de um sonho, de um desejo pessoal, pode vislumbrar a luz para quem vive na escuridão da ignorância social, do analfabetismo, pode permitir, caminhos e escolhas de quem somos o que queremos ser, pode garantir a liberdade, autonomia e oportunidade diante das relações sociais de poder, enfim tudo perpassa nas relações de diálogo consigo e com outros.

3.2 A Literatura nos Contextos Escolares: Respeitando as singularidades dos alunos.

Ao refletir sobre os contos da obra, *A Cor da Ternura* (1998), percebemos obedecer às estruturas de um texto literário, sabe-se que o papel da escola é formar leitores críticos e autônomos, que desenvolva sua criticidade. Concordamos com Gomes, Moraes ao afirmar:

Entretanto, na (...) o aluno não entra na escola como uma “folha em branco” a ser preenchida com saberes do professor e da cultura letrada. Ele é, sim, um indivíduo em processo constante de constituição de subjetividade e conhecedor da língua materna tanto na modalidade falada como na escrita. Os saberes da cultura letrada a serem transmitidos oficialmente pela escola devem ser acrescentados em uma negociação que respeite os saberes de sua comunidade e de sua família. (GOMES, MORAES 2013, p.16)

Essa idealização parece perder-se diante de outras concepções, engessada por questões curriculares. Ao utilizar de vários textos na prática escolar a leitura é imposta como forma de

avaliação, o que acaba colocando o aluno numa tarefa árdua, monótona, desvalorizando o significado da liberdade de expressão oral, objetivada pela leitura. Desconsidera-se o prazer e valorização do ler, para cumprir obrigações; ela condiciona comportamentos, enjaula a criatividade fragmentando saberes por meio de exercícios, provas, em fim tarefas descontextualizadas do sentido de vivência do aluno.

Nesse entendimento, podemos considerar que literatura infantil e a literatura infanto-juvenil proporcionam a criança e ao adolescente, um interesse diferenciado, além da leitura dos livros didáticos, visto que o professor é orientador, e a sua metodologia deve implicar no processo, emocional, social e interativo do aluno. Desenvolver o interesse do aluno por uma leitura agradável, sem impor nesse sentido a generalização de saberes. Partilhamos da seguinte citação de Zilberman:

[...] o recurso à literatura pode desencadear com eficiência um novo pacto entre os estudantes e o texto, assim como entre o aluno e o professor. No primeiro caso, trata-se de estimular uma vivência singular com a obra, visando ao enriquecimento pessoal do leitor, sem finalidades precípua ou cobranças ulteriores. Já que a leitura é necessariamente uma descoberta de mundo, procedida segundo a imaginação e a experiência individual, cumpre deixar que este processo se viabilize na sua plenitude[...] (ZILBERMAN, 2009, p. 35).

Podemos entender o trabalho árduo da oralidade como expressão do diálogo entre o professor e o aluno, respeitando as individualidades, e a partir disso o aluno desenvolve seu conhecimento de “mundo” partilhando suas experiências. É importante ressaltar, que a escola necessita valorizar a oralização, identitária dos alunos, da cultura herdada de uma vivência coletiva. Os alunos interagem com os textos a serem trabalhados partem da metonímia entre a estreita afinidade de saberes, ou relação de sentido entre autor e leitor, há uma correspondência, convite à construção de sentidos. A leitura literária no contexto escolar, precisa adequar-se aos objetivos e conteúdos a serem trabalhados pelo professor/a, e pelo aluno, necessitando assim de uma participação ativa e compartilhada na concepção de (ZILBERMAN, 2009, p. 33), que afirma: “(...) o ato de ler se configura como uma relação privilegiada com o real, já que engloba tanto um convívio com a linguagem, quanto o exercício hermenêutico de interpretação dos significados ocultos que o texto enigmático suscita (...)”.

Desse modo, é importante que o professor possa viabilizar momentos de interpretação das entrelinhas, e das metáforas que podem existir no texto. Promover uma abertura para criticidade, entender o sentido da literatura por uma reflexão em grupo, relacionando saberes afro, com conhecimento escolar, associando os saberes dos alunos como uma proposta curricular diferenciada.

3.3 O olhar crítico literário na obra: *A Cor da Ternura*.

A leitura deve ser um motivador no contexto literário, portanto o conceito canônico é de grande importância para entendermos a função na literatura, pois os cânones fazem parte das normas que regem a estrutura, as tipologias linguísticas Bakhtin, (1988) a estética, rege performance dos personagens, do texto literário, e seus respectivos autores, sendo esses um modelo a serem seguidos por suas características legitimadas. Podemos dessa forma não só comparar a temporalidade entre diferentes obras, mas resignificar o sentido histórico, político, social, advindo do texto canônico.

Ele nos permite dialogar com outros textos, valorizando as adversidades culturais no contexto escolar. A nossa pesquisa vem contribuir de maneira a valorizar a ordem social em outra perspectiva, numa contemplação a inclusão da cultura afrodescendente, da nossa história brasileira nas nossas práticas escolares. O texto analisado, *Idem*, permite ao leitor sensibilizar-se e desconstruir preconceitos numa aproximação pela luta, ou mesmo na identificação com grupos sociais. No contexto escolar o papel da escola é formar “alunos críticos e autônomos”, pois a escola nesse sentido poderá ou não, promover por meio instrucional essa nova ordem social identitária e política. O texto acima proposto é um instrumento didático a ser analisado e utilizado em sala de aula destaca-se por sua diversidade, valorizando a inclusão da cultura afrodescendente, somos uma nação de relações inter-raciais. Diante disso, concordamos com Antônio Cândido, que explica em *Literatura e Sociedade*, que a literatura é:

(...) um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é um produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. (...). (Candido, 1973, p. 74).

É notória a noção da literatura viva e concreta vivenciada por sua escrivência, da influência das obras sobre os leitores, pois a função da literatura além de ser social, cultural, permite uma leitura sistemática. Pode existir uma dialogia² direta ou indireta entre “literatura de margem” e os cânones literário, como forma de divulgar as ideias e práticas democráticas, pois comparar diferentes tipos e manifestações de preconceitos, sendo esses instaurados pela história pela sociedade e pela cultura.

² Emprego repetido da mesma palavra em sentidos diferentes. Dilogia.
[Dicionário Cândido de Figueiredo, 1913]

É preciso atentar, contudo para o fato de que a definição de literatura para alguns teóricos pode ser não necessariamente “definição” e sim uma análise, em que envolve discussão com características distintivas do que pode diferenciar obras literárias e não literárias. Em nosso contexto envolve a obra literária que distingue por sua característica de estilo.

A problemática do racismo vai além da cor da pele, ele é culturalmente construído. A leitura do ser negro na literatura afrobrasileira é envolvente, estabelece o uma travessia entre a possibilidade da ficção e da realidade. Neste fio condutor da lógica literária afrobrasileira, aproximamos o conto: *A escrava*, da autora Maria Firmina dos Reis, que nos remete a um passado histórico. A protagonista Úrsula retrata os quadros sociais caracterizam o universo escravocrata, estabelecem à relação subumana envolvendo direitos e deveres da cidadania, cuja cultura ainda hoje se faz presente devido à propagação do racismo. Mesmo velado existe o preconceito racial nas construções das relações interraciais o fato de ser pobre, negra, mulher procedente de grupos excluídos socialmente a caracteriza como rótulo da marginalidade afrodescendente. A obra, *Idem*, pode desconstruir romper com o racismo, por meio do discurso da protagonista (Geni), em suas fases de identificar-se com as marcas africanas, ou afrobrasileira.

O texto a ser analisado pertencente à literatura infanto-juvenil é metafórico numa representação e descoberta do ser negro, subentendo uma intenção de denúncia, por meio de questionamentos infantis.

3.4 Identidade/imaginário história oral/memória cultural.

“A literatura infantil/infantojuvenil aponta para outras maneiras de ser e caminhos a serem percorridos que o imaginário proporciona, está vinculada ao lúdico e amplia horizontes marcando encontro consigo mesmo”. (OLIVEIRA, apud MEC, 2010 p.44).

Para melhor esclarecimento, alguns conceitos básicos, devem ser definidos. A saber, a realidade, a identidade, imaginário, a memória cultural, no contexto da nossa metodologia. Neste trabalho, a ideia de realidade está implícita no mundo concreto da vida física e social que evolui a consciência individual/coletiva. Esta realidade concreta é dependente das leis da física, do tempo e do espaço, em vários aspectos, nesse sentido se percebe que voz dominando do colonizador impõe limitações morais. Alimenta e aprisiona o colonizado, ou seja, a escola é uma instituição hegemônica de manutenção do poder colonizador Saviani, (2002).

Precisamos entender o universo infantil, as fases do desenvolvimento infantil, o poder de criação atrelado a significância do momento vivido.

Segundo Durand, apud Strôngoli, Maria Thereza (1994, p. 260). “O imaginário se associa ao mundo das imagens da mente estabelecidas pelos processos de abstração e imaginação, pode ser considerada uma atividade única e homogênea”.

Desta forma, a imaginação exige operações psíquicas múltiplas. Que vão desde a reprodução mental de objetos do mundo concreto, até uma ideia de realidade mágica.

Ao imaginar criam-se mundos possíveis, de pequenos atos significativos, que evoluem com estímulos fornecidos desenvolvendo assim uma função simbólica através imagens, textos e sons cujo o significado é único no universo infantil.

A forma como se imagina diz respeito à maneira como é conceituado, nessa perspectiva trata-se do imaginário na infância, sabe-se que essa fase da vida é de fundamental na formação da sua personalidade e construção e valores. Podemos considerar esta afirmativa nos fragmentos da obra Geni Guimarães. *A Cor da Ternura (1998)*. Quando eu perguntava de que cor é o céu, me respondiam o óbvio: bonito, grande, azul etc. Não entendiam que eu queria saber do céu de dentro (...).

(...) Por isso foi que resolvi manter contato com as pessoas só em casos de extrema necessidade.

Ao contrário dos seres humanos, os animais se mostraram amigos e coerentes. Aprendi a falar com eles. (*Idem. p.35*).

O imaginar é uma atividade recorrente da ação praticada fixada na realidade, sendo essa atividade concebida como um processo e o seu produto o imaginário. A “menina Geni,” incompreendida por seus familiares decide criar para si amigos imaginários que entenda sua linguagem, e não responda de forma ínfima, instaura ai um mundo imaginário, esta afirmativa também é defendida pela concepção piagetiana.

O processo imaginário é complexo, pois perpassa pela relação, pela realidade vivida, esse processo na criança ocorre da seguinte forma, a criança ao construir sua imaginação idealiza uma nova realidade formando seus significados, ou seja, interferindo naquele já existente. No processo de seleção a criança separa imagens das situações vividas que mais interessa e conserva na sua memória, sendo que esse processo imaginativo depende da experiência que a criança possui nas suas relações sociais e culturais. Concordamos com Durand:

O imaginário define-se como re-presentação incontornável, a faculdade da simbolização de todos os medos, todas as esperanças e seus frutos culturais jorram

continuamente desde cerca de um milhão e meio de anos que o homo erectus ficou em pé na terra (DURAND, 2001, p.117).

Nesse procedimento, o que de fato ocorre são as emoções e acontecimentos vividos, que provoca o processo imaginário que auxilia e modifica o interior da criança, interiorizando assim suas significações. Paralelo à análise da obra, subvertermos a entender como a escola trabalha com este imaginário e como a escola trata as questões afro no currículo escolar, embora a lei seja um avanço precisamos se construir a aversão racial pela negritude.

Podemos destacar o primeiro conto, “Primeiras lembranças”, entramos em contato com a criança Geni, amamentada por sua mãe, na faixa etária entre três a quatro anos, a narrativa descreve o universo infantil, com toda naturalidade do cotidiano. Sua mãe amamenta e ao mesmo tempo educa no silêncio do olhar. A mãe nutriu fisiologicamente e afetivamente alimenta com doses de emoção de carisma, estabelecendo uma troca de energia de um saber ancestral na relação do olhar de uma criança e um adulto, seguido de perguntas de Geni, criativa que desperta para outras vivências ao seu redor. Destaca-se, portanto a seguinte narrativa:

Minha mãe sentava-se numa cadeira, tirava o avental e eu ia. Colocava-me entre suas pernas, enfiava as mãos no decote do seu vestido, arrancava dele os seios e mamava em pé. (*A Cor da Ternura*, 1998.p. 9).

Durante o tempo da amamentação, às vezes, faziam brincadeiras, e Geni, interrompia as perguntas das brincadeiras para fazer questionamentos que vai além delas.

– Mãe, se chover água de Deus, será que sai minha tinta? E a mãe apesar de sentir-se desconfortada, com a pergunta, disfarça, e diz:

_ Tinta de gente não sai. Se saísse (...) você ficava branca e eu preta. Geni observa a tristeza da mãe e conclui a conversa.

– Mentira, boba. Vou ficar com essa tinta mesmo. Acha que eu ia deixar você sozinha? Eu não. Nunca, nunquinha mesmo, tá? (*A Cor da Ternura*, 1998.p. 10).

Neste diálogo Geni, na tenra idade de ternura infantil, concebe o racismo que os pais sofreram. Nota-se que diante dessa conversa, o leitor percebe o primeiro sinal de descobertas da diferença da raça. Inicia-se na primeira infância, o despertar da curiosidade, da cor diferente da sua, de outras pessoas. O desejo de mudar a cor é evidenciado no mesmo conto, ao conhecer o irmão que acabara de nascer, que vira após oito dias, esta afirmação é comprovada com o seguinte fragmento “Não achei bonito nem feio. Apenas achei um grande alívio quando me vi descompromissada de chamá-lo de Menino Jesus. Era negro.” (*Idem* p. 22).

Ela já tinha visto a imagem de Jesus que era branco, e seu irmãozinho não poderia ser chamado assim. Geni percebe desde pequena que o branco tem mais valor que o negro na sociedade. Esse dado publicado na abertura da obra faz inferência, de revelar o cuidado da autora se colocar como um eu enunciatória conscientizada de sua raça e cor. Ela é uma

menina amada, no entanto incompreendida por seus familiares. A menina vivia da curiosidade de perguntar tudo que a rodeava. Selecionamos esta narrativa para exemplificar.

– Quando eu perguntava de que cor era o céu, me respondiam o óbvio: bonito, grande, azul etc. Não entendiam que eu queria saber do lado de dentro. Eu queria a polpa, que a casca era visível. (*Idem*. P. 35).

Esse tipo de atitude transforma a menina Geni em introspectiva ou, seja,

“Por isso foi que resolvi manter contato com as pessoas só em casos de extrema necessidade.” Sentia-se impedida de expor suas emoções e sentimentos, pois seu desejo é ir fundo em maneira de viver. É o que percebemos em diversas situações dentro do conto, principalmente nesse trecho do terceiro conto. “Ao contrário dos seres humanos, os animais se mostraram amigos e coerente.”

Para a menina Geni, as pessoas não viviam de maneira compreensiva, elas não entendiam sua linguagem e nem seus sentimentos, isso o afastava e aproximavam dos animais, que viviam em harmonia. Desde cedo ela aprendeu a imitá-los, gatos, cachorro até as baratas. Os animais se tornaram seus amigos íntimos com quem manteve seus “diálogos longos”. Neste episódio, temos o indício que a menina pode assimilar a convivência com os outros, tende-se a sufocar as verdades.

O brincar de faz de conta, segundo Piaget (1971), é uma maneira que a criança assimila o seu mundo ao seu modo, isso depende da maneira atribuída ao objeto, e não a natureza dele. Sendo um jogo de simbologia solitário, depois sociodramático para o autor, essa fase da criança do faz-de-conta representa seu desenvolvimento intelectual.

Nesse sentido, as crianças têm o controle que de fato a realidade não tem, pois elas lidam com experiências de perda, dor, medo e até enfrentam o bem e o mal nas brincadeiras de heróis que as protegem do mal. Bettelheim, (1988).

As crianças são curiosas por natureza, com Geni não é diferente, pois em sua idade dos porquês é conhecedora da sua cor diferente, mesmo no recinto familiar, se vê quase sempre sozinha, buscando se encontrar consigo mesmo. Esse sentimento de solidão a transforma num ser introspectivo, dificultando a exteriorização dos seus sentimentos.

Cria para si mundos possíveis, num espaço de encolher-se e recolher na imaginação. “Quantas vezes fui a São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia Minas etc. Mas eu ia e voltava logo...”. (*Idem*. p 42). Para a menina Geni, quando criança, no seu imaginário buscava calor e aconchego do colo da mãe, com a chegada de seu irmãozinho Zezinho, deixada de lado, sente-se sozinha, busca atrativos na natureza que preenche o vazio, desse desencontro de sentimentos.

No conto, “Tempos Escolares” Chega o tempo de ir á escola, nesse momento de transição, sua mãe arruma seu cabelo. Geni cresceu envolvida nas histórias de Nhá Rosária, uma senhora quase centenária, que percorre as fazendas da redondeza contando suas narrativas. “A verdade é que, quando a Nhá Rosária – assim a chamávamos – chegava, já vinha acompanhada de toda a criançada.” Todos queriam ouvi-la contar lindas e tristes histórias.

(*Idem.* p.49).

As histórias da Nhá Rosária que enaltecem o valor do homem e da mulher de cor, princípio que Geni observa, constituindo para si, futuramente, uma forma de avaliação de mundo nas relações interracialis. Nhá Rosária, nesse contexto de contar histórias, faz inferir a oralidade que permeia a nossa sociedade, pois não cai em desuso. O tempo é efêmero diante da sabedoria dos mais velhos, neste sentido destacamos a seguinte citação de Hall para compreender a importância das circularidades, das histórias, a cultura de resistência que transita e entre a tradição e tradução. “só os ciclos eram eternos” são contínuos: há muita hibridização e deslocamento cultural nas narrativas tramas de seus personagens, que reflete esta tradução cultural. (HALL, 2003, p. 14).

A anciã tem a responsabilidade de enaltecer não só a beleza de seus ancestrais, mas de educar a continuidade das próximas gerações, a anciã de forma sabia utiliza a oralidade para certificar a história e sem discriminação de gênero, para enaltecer seu povo, com esta atitude ganha credibilidade de todos.

Geni instrui a filha com amor, como se comportar na sociedade, pois para o negro ser aceito no espaço público, precisa estar limpo, pois sua cor representará sujeira aos olhos dos brancos.

Essa atitude da mãe de Geni mostra a naturalização da opressão familiar, pois a menina vai frequentar o mesmo espaço que outras crianças brancas, isso implicará numa desconstrução que o branco sabe da leitura e da escrita outrora privilégio dos brancos, uma desconstrução que só com a convivência com o outro se rompe. Dando prosseguimento em nosso enredo a professora Dona Cacilda conduz os primeiros meses de aula.

Deveria ser dia dez ou onze do mês de maio.

Dona Cacilda, logo após o recreio, disse-nos: - No dia treze agora, vamos fazer uma festinha para Princesa Isabel, que libertou os escravos. Quem quer recitar?... Dona Cacilda eu tenho aquela que fiz outro dia, que eu mostrei pra senhora e a senhora chamou o diretor e ele falou parabéns e eu deixo ela maior...

- Está bem. Amanhã você traz a poesia e a gente ensaia. (*A Cor da Ternura, 1998.* p. 60-61).

A decisão da menina Geni, implicou em coragem desafio, ainda que insegura com medo de não conseguir recitar. No entanto, “não podia falhar com a princesa Isabel”. Atitude da menina denota-se num processo de construção de identidade, despontando-se no meio social, pois há uma negação do ser histórico por desconhecimento.

Ao apresentar o poema para sala de aula a menina Geni, ainda envergonhada diz: “Ao meu poema dei o título: Santa Isabel.” Assim ficou:

Os homens era teimosos
E os donos deles era bravo
Por isso a linda Isabel
Soltou tudo us escravo.

Foi boa que nem um doce
E parecia um mel
Acho que é irmã de Deus
Viva a princesa Isabel. (*Idem.* p.64).

No dia da apresentação a professora começa a falar sobre data.

- “Hoje comemoramos a libertação dos escravos”. “Escravos eram negros que vinham da África”. “Aqui forçado a trabalha” (...). Quando...

Foi discursando por uns quinze minutos. “Vi que sua narrativa não batia com a que nos fizera a Vó Rosária.” “Aquele eram bons, simples, humanos, religiosos.” E aqueles relatados nos livros pela professora “Eram bobos, covardes, imbecis, estes me apesentados (...)”.

A verdade é que, quando a Vó Rosária – assim a chamávamos – chegava, já vinha acompanhada de toda a criançada. Todos queriam ouvi-la contar tão lindas e tristes histórias. (...) – e só um risco que fez no papel, libertou todo aquele povaréu da escravidão. (*Idem.* p.49). Para entender como a singularidade e identidade podemos parafrasear (BHABHA, 1998) A construção desta identidade constitui-se história desse grupo, das vozes do local da cultura, o qual está inserido . A importância dessas vozes se dá pelo resgate memorial, do que fomos? E o que queremos? Enquanto sujeitos colonizados ou colonizadores.

... “Eu era a única pessoa da classe representando uma raça digna de compaixão, desprezo.”

Nesse procedimento, percebemos a condição de “ser negro” na sociedade educacional, ainda que por meio de questionamentos infantilizados percebe-se a denúncia da desigualdade, discriminação e a criticidade, a identificação que já estava a acontecer.

No sétimo conto, “Alicerce” a personagem/protagonista, cursando ginásio, (entre 6º ano ao 9º do Ensino Fundamental no caso, hoje), decide que irá ser professora. Essa decisão partiu depois que o pai de Geni chega do trabalho na lavoura, e nesse momento, pede a filha

para ir buscar um rolo de fumo de corda que ia, enquanto esperava o jantar, preparar os cigarros para a noite e o dia seguinte. Trouxe-lhe, e, ao desembulhar o fumo, ele deu com a cara do Pelé no jornal sorrindo no jornal do embrulho. Enquanto desamassa o papel para ver melhor. “O pai de Geni pede para ela ler os comentários do jornal sobre as façanhas do jogador Pelé.” (*Idem.* p.70).

Retomamos a importância da identificação da nossa protagonista Geni, e do processo imaginário, no diálogo com o pai.

Quando Geni termina a leitura, o pai de Geni comenta que o pai do Pelé “é que deve não caber em si de orgulho”.

(*Idem.* p. 71-72). Geni, contemplando o Pelé, tido como exemplo de negro bem realizado na vida, decide também, ser um motivo de orgulho do pai, por meios de estudo se realizar profissionalmente como professora, e assim permitir que “se esquecesse da dureza da vida.” A menina Geni, talvez naquele momento que lia o jornal para pai não sabia o que era profissão, mas sentiu-se motivada a ser alguém na vida, bem como ser professora. “_ Pai o que mulher pode estudar? _ Pode ser costureira, professora...” (*Idem.* p. 72).

A resposta do pai de Geni assegura que o pensamento masculino é totalmente dominante na maioria dos setores, independente público ou privado, e que muitas vezes a mulher fica restrita apenas num espaço menor.

Após o término do curso ginásial (Ensino Fundamental 6º ao 9ºano, hoje e 5ª a 8ª séries antigamente), só havia até 2000, cursos profissionalizantes, técnicos em Administração de Empresas, contabilidades, Magistérios com habilitação para o ensino.

O esforço de Geni em ser o orgulho do pai, que lhe demonstrou apoio a todo o momento até mesmo quando enfrentou zombaria do administrador branco, que comentou: _ “Não tenho nada com isso, mas vocês de cor é feito de ferro. O lugar de vocês é dar duro na lavoura. Além de tudo estudar filho é besteira.” (*Idem.* p. 73).

O sentimento e objetivo do pai de Geni estavam voltados para o diploma da filha, ou seja, o de ser professora, o que simbolizava o futuro e a recompensa pessoal, pois os irmãos mais velhos de Geni não tiveram a mesma oportunidade que a dela, por motivo de trabalhar com o pai na lavoura.

Assim o pai de Geni realizou alguns sacrifícios para ver o sonho da filha e da família serem realizados.

No último conto, “Força Flutuante”, percebemos a emoção de Geni, após o diploma em suas mãos, é admitida numa escola como professora substituta por um ano, “classe da

primeira série que ‘sobrara’ das professoras efetivadas que escolhera os alunos maiores, no processo de alfabetização bem mais avançado”. (*Idem. p 87*).

O primeiro acontecimento de racismo profissional foi no pátio da escola, ante “olhar duvidoso da diretora e das mães incrédulas, cochichavam e” a “despiam com intenções veladas.” (*Idem. p. 87*). Geni para se estabilizar nesta carreira, necessitaria de muita habilidade e perspicácia, pois pelo olhar de desconfiança da diretora, com certeza seria controlada.

Na segunda situação de racista, quando a professora Geni, em seu primeiro dia de aula, se depara com uma aluna “uma menina clara, linda terna empacou na porta e se pôs a chorar baixinho.” O motivo, não querer entrar na sala da professora.

- Eu tenho medo de professora preta. (*Idem. p 87*). Ao se deparar com a situação, a diretora toma iniciativa de resolver o problema:
- Não faz mal. Eu a coloco ela na classe de outra professora de primeira. Mas Geni imediatamente intervém:
- Por favor. Deixe que possamos nos conhecer. Se até a hora da saída ela não entrar, amanhã a senhora pode leva-la. (*Idem. p.89*).

Geni sente o peso da responsabilidade, e necessidade de sanar a situação daquele conflito, afinal aquele desafio educacional seria um de muitos enfrentados ao longo da carreira.

Disse Geni: “Eu precisava. Precisava por mim e por”. A partir de então, começara a se impor profissionalmente, pois a mesma sabia que sua cor negra era a razão dos constrangimentos ocorridos, em seu primeiro dia de aula. No entanto, Geni age sabiamente, encontrando uma maneira de ganhar a confiança da menina, ao encarregar de cuidar sua bolsa, no decorrer da aula e no recreio. - “Ela sentou-se na minha cadeira, seu material ao lado do meu.” “Precisei’ de uma caneta. Pedi-lhe. Abriu minha bolsa como se arrombasse cofre, pegou-me a caneta solicitada. Meio riso na boca.” (*Idem. p. 90*).

Percebe-se que o papel de Geni nesse episódio é de suma importância tanto para sua carreira profissional, quanto para a menina, à forma como soube lidar com a situação conflituosa traria maior domínio sobre a carreira e ajustar-se diante das segregações sociais.

A carreira profissional foi resguardada até o momento por sua sabedoria, a menina aos poucos com habilidade da professora, não resiste e acaba se aproximando, Geni seduz pelo carisma e pela emoção, com isso conquista a confiança da menina.

Em relação à escola, tem uma parcela de culpa, principalmente na pessoa da Direção, pois muitas vezes omite sua postura frente ao preconceito racial no âmbito escolar, ainda que, hoje, com a inclusão social, e o programa curricular de ensino dos estudos a respeito da

história e cultura africana e afrobrasileira, assegurada pela (Lei nº 10.639/03), o que de fato não ocorre efetivamente nas Instituições de Ensino.

Diante disso, percebemos na habilidade de Geni lidar com o preconceito da menina branca, encarando o problema de frente, principalmente por ser a professora, e vítima discriminada por causa da cor da pele, desconstruindo a hipocrisia, assim o mito da democracia racial propagada pela escola e sociedade.

A conduta de Geni, profissionalmente representa um grande mérito e esforço na luta da mulher negra por espaço íntegro, principalmente porque, quando a protagonista entrou no mercado de trabalho, àquela época, o corpo docente no ensino de 1ª a 4ª séries da escola na qual lecionou e de outras eram constituída na sua maioria por mulheres brancas das classes médias. Mesmo com abertura de espaço à professora negra, ainda persiste resistência de uma grande parcela da sociedade brasileira racista e preconceituosa que cisma em não aceitar a sua permanência na escola como docente.

No entanto, a atitude de nossa protagonista, leva a menina branca a enxergar que a ternura, bondade são incondicionais independente da cor da pele. Por isso, a importância principalmente às crianças nas séries iniciais, que cresçam sem discriminação e preconceito contra os afrodescendentes.

A forma como a professora Geni procede diante da situação, considera-se como afirmativa, pois lutou, desdobrou, para se tornar visível e respeitada não somente pela menina branca, mas pela comunidade escolar, na qual trabalhava valorizando, desta forma o seu próprio esforço e principalmente de seu pai e familiares, no apoio, para que ela fosse alguém na vida, diferente deles. Nesse entendimento: “Faz-se necessário que tanto as educadoras quanto as crianças e seus familiares tenham acesso ao conhecimento que explicam a existência das diferentes características físicas das pessoas, os diferentes tons de cor da pele” (...). (MEC. 2006, p. 55).

Ao longo desta pesquisa promovemos algumas considerações a respeito da identidade da mulher negra. Pois com base na leitura relativo à obra *A Cor da Ternura*, (1998) de Geni Guimarães, permitiu-me compreender a situação da mulher negra num ângulo totalmente positivo evolutivo e de resistência e persistência em traçar objetivos diante de tantas adversidades.

Ao perceber o desenvolvimento da personagem/protagonista Geni, dentro da história, me identifiquei, (fase infantil pobre, fase adulta formada professora) fugindo assim do estereótipo da maioria das mulheres negras, no mundo real e no mundo ficcional da Literatura Brasileira, uma vez que ao exercer uma profissão antes reservada apenas a mulher branca,

acredita na sementeira positiva diante de impossibilidade da maior parte da população negra em ascender profissionalmente um espaço público de liderança social.

No entanto, percebemos o avanço progressivo da protagonista Geni, apesar de todas as dificuldades e adversidades, enfrentadas por ela no decorrer dos contos *A Cor da Ternura*, (1998), um estímulo a todos os leitores, principalmente afrodescendente, pois o desejo de lutar, conquistar é eminente a qualquer pessoa, pois a profissionalização da protagonista negra, num setor desejado, embora desprestigiado atualmente, pode estimular a vontade de conquistar e vencer, apesar da sua classe social ou condição socioeconômica.

A profissionalização do negro, prova que é capaz de superar o contexto história oficial e por meio da contrariedade conquistar seu espaço de cidadania, assim como qualquer outra pessoa. E, assim, ocupar funções de prestígios da sociedade brasileira, os quais são minoria, como advogados, médicos, juízes, ministros, professores...

Geni, evidência, algumas limitações, sofridas dos afrodescendentes, principalmente da mulher negra. A escritora Geni Guimarães construiu essa personagem viabilizando aspectos do povo brasileiro revelando através da personagem feminina negra, um compromisso não sobre o negro, mas do “ser negro”. Dessa forma uma verossimilhança entre a escritora e a personagem, em relação à descrição às dores sentidas devido à intolerância ao preconceito, discriminação racial contra o negro/negra.

Essa obra *A Cor da Ternura* pertence a uma escrivivência literária este termo cunhado por Conceição Evaristo, agrega muito dos desafios enfrentados na vida real de quem é afrobrasileiro.

Ainda que, a protagonista Geni tenha rompido barreiras, e assumido uma profissão, destinada, naquele tempo à mulher branca de classe média, no entanto hoje, por mais que o negro/negra conquiste seu lugar na sociedade, eles ainda são visto de maneira desigualitária, discriminatória.

Entendemos que por força da lei, valorizar o ensino afro nas escolas é algo progressivo, todavia, não teremos modificações no curto prazo, mas podemos promover práticas mais inclusivas de equidade social em relação aos direitos e deveres dos cidadãos brasileiros. Retomamos alguns questionamentos elencados na introdução deste trabalho que foram compartilhados pelos professores do ensino básico na forma de perguntas e respostas.

Propomos ouvir (vozes) dos docentes de uma escola de Dourados, sobre a valorização do negro na questão conteúdo curricular, abordando os seguintes questionamentos.

Qual é a função da escola frente às denúncias proferidas nessas questões afrodescendentes? Uma das escuta escolar declara o seguinte pensamento:

A escola pode ajudar a desconstruir o racismo, preconceito e a discriminação, pois há uma necessidade de desfazer os equívocos que deturpam a cultura de origem africana, não dizemos que somos todos iguais, mas que existem diferenças mas que devemos valorizar as diferenças a cultura e a identidade de cada ser humano. Temos dificuldades para desconstruir e quebrar as barreiras construídas há séculos. Existe muito racismo e preconceito contra a cultura negra. O que a maioria sabe da história do negro escravo e pouco se conhece da história africana.

Nesse contexto sabemos que a escola precisa estar amparada preparada para quebrar barreiras, que foram construídas há séculos sobre a história dos negros no Brasil.

Nas escolas se percebe toda forma de racismo e discriminação, por partes dos discentes, construídas consciente e inconsciente, muitas vezes isso procede de casa, todavia os professores buscam conscientizar mostrar igualdade perante a lei. O professor ao deparar com as dificuldades em cumprir as leis entre os colegas depara-se com as subjetividades da contradição entre os envolvidos com a responsabilidade da formação, há necessidade de um processo contínuo.

Quanto aos livros didáticos, geralmente abordam essa temática de forma estereotipada, no reforço a submissão e segregação do ser negro. Ao subjugar os afrodescendentes estimula-se um embranqueamento cultural, o que favorece a ordem de cultura eurocêntrica.

As questões afrobrasileiras têm provocado diferentes atitudes no cotidiano histórico, social, e político brasileiro, nesse sentido, como assegurar a pluralidade cultural brasileira?

Outro docente responde:

O negro sempre lutou pela sua valorização e pela busca de sua identidade e a lei veio beneficiar esta valorização e conseguiu levantar sua bandeira para desmistificar sua história e cultura. Nas salas de aula a lei veio nos dar apoio para trabalhar a cultura negra.

Nessa busca pela igualdade social, percebemos que a diversidade cultural muitas vezes é difícil de ser compreendida e ser trabalhada no contexto escolar, devido essa pluralidade brasileira e a discriminação velada, tão presente em nosso cotidiano. A lei 10.639/03 assegura o ensino nas escolas da História e Cultura Africana e Afrobrasileira, têm proporcionado à inserção da política dessa adversidade, pois ensinar a pluralidade é muito mais que vivenciá-la, requer comprometimento de postura com a mudança cultural e social.

Seguindo a lógica de questionamentos com o objetivo de colaborar na desconstrução cultural de quem trabalha com a literatura. Podemos destacar o seguinte questionamento:

O que a literatura enquanto estimuladora no desenvolvimento cognitivo emocional e social da criança influencia nessas questões? O docente depoente remete-nos a seguinte afirmação:

As influências da cultura afro são diversas sendo essas desde os simples hábito alimentar a ideologias e rituais religiosos. Acredito que quanto as questões de preconceitos cultural/religiosos o Brasil tem evoluído grandemente (positivamente) na tentativa de amenizar os vestígios antidemocráticos propagados por séculos entre gerações. A exemplo nas escolas todas as disciplinas devem atender os conteúdos programáticos dentre eles abordar temas interculturais.

O docente do ensino fundamental demonstra que a responsabilidade curricular da questão afro é de todos envolvidos com na formação do aluno, é da sociedade como um todo.

Conforme comentado anteriormente, a literatura, arte da imitação, em que recria palavras e experiências da vida entre a “realidade” e o “imaginário”.

A contribuição é na formação de diversos aspectos na personalidade, e por meio de desenvolvimento da capacidade crítica, que estabelece reflexão sobre seus valores e crenças, na sociedade pertencente. Pois a concepção da criança na sua infância parte do princípio dos laços afetivos e emocional familiar. Assim sendo, ao deparar com a literatura oral, do ponto de vista de quem relata, aproxima a criança do objeto. Segundo Hall, “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos” (...), Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções.

A literatura no sentido dialógico estabelece relações de identificação com as obras, com os personagens, especialmente com os protagonistas, num processo de identitário, isso não se dá a ler de imediato, mas pode ser percebido na medida em que “educamos” ou direcionamos o olhar para lê-la no caso da criança ela se constrói por meio destas identificações.

A literatura afrodescendente infantil/ infanto-juvenil no que diz respeito vem caminhando com lentidão, devido o desinteresse por parte de alguns educadores. Ainda que muitos possam afirmar que, há poucos livros literários, didáticos que trabalham esse tema, no entanto o que falta é o interesse nas adversidades na aceitabilidade das diferenças.

Diante dos questionamentos nossa pesquisa fundamenta em assegurar essas questões Parâmetros Curricular Nacional – PCNs, pois ao trabalhar essa problemática, envolve diferentes concepções de valores, no entanto propicia o conhecimento da diversidade patrimonial, etnocultural brasileiro, respeitando as pessoas, grupos que a compõem, a diversidade cultural como um direito dos povos e dos indivíduos. Assegurados nos princípios da ética, da tolerância, do respeito à diversidade, pois a história de um povo faz parte da sua memória, ao estudar esse conceito, trazemos essa memória pessoal e coletiva a uma reflexão pertinente a comunidade escolar. Para HALBWACHS, que afirma:

Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Nossos deslocamentos alteram esse ponto de vista: pertencer a novos grupos nos faz evocar

lembranças significativas para este presente e sob a luz explicativa que convém ação atual. (HALBWACHS, 2004, P. 423).

Precisamos entender que o preconceito racial está presente no imaginário individual e coletivo construído, historicamente pelas relações de poder do regime escravocrata e colonialista, precisamos em ambiente escolar utilizar a literatura como um dos mecanismos de ruptura social. Uma delas é a literatura histórica, esta pode ser fictícia, mas representar a denúncia histórica e conduzir uma discussão de indignação. Neste sentido, recorreremos novamente a seguinte pergunta a um professor de artes. Quais os parâmetros frente às denúncias? A resposta contundente do professor foi a seguinte:

Responderei apenas considerando minha área de atuação “artes” os materiais são escassos e dependem única e exclusivamente do docente, para elaborar sua aula. Com relação ao modo de trabalhar sempre buscamos desenvolver atividades, pesquisas que valorizem e favoreçam o contato entre as diversas culturas, a exemplo a feira cultural que ocorre em novembro um espaço para apresentações de trabalhos relativos a cultura Afro.(Ocorre em novembro e envolve toda escola).

O preconceito e as discriminações ainda são evidentes no nosso cotidiano, a questão afro é vista de forma folclórica no nosso currículo, falta-nos consistência epistemológica, axiológica e praxiológica, afinal não se separam estes princípios diante do conhecimento.

No ambiente escolar não raras vezes que os alunos negros sofrem discriminação por apelidos, piadas de mau gosto, exclusão nos grupos, músicas que deturpam a imagem, e outras situações constrangedoras. O negro sempre lutou pela sua valorização e pela busca de sua identidade desde os seus primórdios, ou seja, após a Lei Áurea as conquistas ainda vêm caminhando lentamente, no sentido de igualdade.

Vale lembrar que, pela Constituição Brasileira é crime inafiançável e imprescritível o racismo. Contudo os negros, nesse sentido vêm se destacando em suas lutas, movimentos por conquistas ainda maiores.

No entanto, a lei veio para beneficiar e valorizar as questões do negro na sociedade, para que os mesmos possam levantar sua bandeira para desmistificar sua história e cultura. Diante da publicação da Lei 10.639/2003, que estabelece de forma organizacional nas instituições escolares, uma maneira de repensar os métodos curriculares no ensino/aprendizagem e prática nessa temática de História e Cultura Africana e Afrobrasileira, proporcionando assim a inserção da política que reconhece adversidade étnicorracial. E, com isso, estar atento para a interdisciplinaridade numa proposta de diálogos entre as disciplinas. Na promoção e valorização da autoestima do “ser negro”. Nesse sentido de construção do “ser negra/o” parte do pressuposto do “eu sou”. Segundo Hall, (...) “a identidade se modifica de acordo com o modo como o sujeito é tratado ou representado, a identificação não é

automática, mas pode ser ganha ou perdida.” (HALL, 2003, p.18). No caso da obra *A Cor da Ternura* (1998), a identidade é construída no sentido de impulsionar o sujeito a uma valorização da memória da sua cultura e história vivenciada pelos seus antepassados.

Portanto precisamos ampliar essa temática promovendo uma grande discussão e transformar as leis e os discursos em práticas, realimentar o sonho da construção de uma sociedade igualitária, onde o preconceito racial e a discriminação sejam superados.

A polifonia da obra, *Idem*, permite destacar os contos de vivência racial, analisando a identidade/imaginário, comprovando os conceitos por meio das narrativas da obra. Nessa permissão de construção do “ser negra/o” parte do pressuposto do “eu sou”. Segundo Hall, (...) “a identidade se modifica de acordo com o modo como o sujeito é tratado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganha ou perdida.” (HALL, 2003, p.18). No caso da obra *A Cor da Ternura*, a identidade é construída no sentido de impulsionar o sujeito a uma valorização da memória da sua cultura e história vivenciada pelos seus antepassados identificando nos e sensibilizando pelos seus personagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos considerar sobre os aportes apresentados nesta pesquisa o partilhamento dos saberes africanos, na identificação dos fazeres afrobrasileiro materializando neste trabalho, pela história, pela literatura e pela descrição cultural do universo infantil, conceituando a identidade, imaginário e a responsabilidade social da literatura infantil/infantojuvenil no contexto escolar, em despertar o prazer pela leitura.

A partir da interpretação processada e dos conhecimentos compartilhados outros fatores como a imaginação e a forma de vivência do leitor, interferem na construção dos sentidos dos textos, a partir desses indícios institui-se um verdadeiro diálogo de negociação. Ler desperta imaginações, emoções, desprante no leitor, por diferentes interpretações. A maneira de se interpretar muitas vezes provém do contexto social, ou seja, o sujeito compreende o texto/literatura a partir das influências sociocultural e do seu desenvolvimento cognitivo. Por isso é importante o conhecimento prévio do professor/a respeito do desenvolvimento infantil e juvenil, do material didático-literário e da metodologia de trabalho que melhor se destina as necessidades da criança, a obra, *A Cor da Ternura (1998)* é um instrumento de alta sensibilidade infantil, e pode reescrever a visão da literatura no ensino básico.

Entendemos que a leitura deve ser um motivador no contexto literário, pois a noção da literatura é viva concreta, na influência das obras sobre os leitores, pois além de função social, também cultural.

Desta forma ao refletir literatura infantil e infantojuvenil afrobrasileira no contexto escolar, consolidamos a Lei 10.639/03, num papel importante, na desconstrução do preconceito racial. Para uma ascensão da igualdade na valorização do “outro” respeitando o conhecer e o saber, as singularidade de cada sujeito.

A presente pesquisa apresentou importantes contribuições para o contexto escolar. Mediante a reflexão da obra. Literatura de margem, afrobrasileira infantojuvenil.

Ao propormos o trabalhar da metodologia da oralidade, na expressão do diálogo, entre professor e aluno, numa estreita relação, objetivando o compartilhamento. Pois a oralidade aproxima a criança/ adolescente/ adulto do objeto dependendo de como é trabalhado.

O nosso objetivo em relação à pesquisa, foram alcançados na medida em que buscamos por meio da literatura infantojuvenil, possibilidades de sentido social para uma maior valorização das questões afrodescendente presente no âmbito educacional.

Diante disso, nossa proposta foi ouvir vozes dos docentes do ensino fundamental, que demonstraram responsabilidade curricular nesse contexto social. Para os docentes a maior dificuldade é desconstruir o racismo, o preconceito que ainda permeia o contexto educacional.

Sabe-se que a função da escola é formar alunos autônomos, nesse sentido, a nossa hipótese de pesquisa foram esclarecedoras, mediante a inserção da política da adversidade cultural, assegurada pela lei 10.639/03 que têm por obrigatoriedade o Ensino da História e Cultura Africana e Afrobrasileira.

Ainda que, a longo prazo a literatura afrobrasileira corrobora para a desconstrução do preconceito racial, evidenciando assim a valorização do negro na sociedade brasileira, pois o cumprimento da lei não é apenas do sistema educacional, mas de todos.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História contemporânea do Brasil, Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005.
- BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e Estética**. São Paulo: Hucitec - UNESP, 1988.
- BETHLEIM B. **Uma vida para o seu filho**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed UFMG, 1998.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.
- Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília DF 2004.
- DURAND, Gilbert. **O imaginário: Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro: Difel, 2001.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas/ Frantz Fanon ; tradução de Renato da Silveira**. – Salvador: EDUFBA, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GOMES, Lenice. **Alfabetizar letrando com a tradição oral / Lenice Gomes, Fabiano Moraes - 1. Ed. - São Paulo: Cortez, 2013. – (coleção biblioteca básica de alfabetização e letramento) ISBN 978-85-249-2114-8**.
- GUIMARÃES, Geni. **A cor da ternura**. In: GENI, Guimarães. São Paulo: FTD, 1998.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.
- HALL, Stuart, **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. SILVA, Tomaz Tadeu da; 2003.
- INNI, Octavio. **Literatura e consciência**, In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo: 1988.
- Leitura em crise na escola: Alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- Literatura: ensino fundamental/coordenação**, Aparecida Paiva, Francisca Maciel, Rildo Cosson. – Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2010.
- Ministério da Educação/ Secretária da educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais Brasília: SECAD, 2006**.
- PÁDUA, I. **Pedagogia do Afeto: A Pedagogia logosófica na Sala de Aula**. RJ. Editora. Wak, 2010.

PIAGET J. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

SAVIANI. **Tendências e correntes da educação brasileira**. In: BRZEZINSKI, I. LDB

Interpretada : diversos olhares se entrecruzam. São Paulo: Cortez, 2002.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura na escola**. In: ZILBERMAN, Regina (org).

ZILBERMAN, R. & RÖSING, T. M. K (Orgs.) **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo, SP: Global, 2009, p. 35. (Coleção Leitura e Formação).

Webgrafia A escrava, <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/frame.htm>> Acesso em: 19.10.14.

Parâmetros Curriculares Nacionais, <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>> Acesso em 14.08.14.